Plano de Acessibilidades

Fundação Dr. António Cupertino de Miranda
Museu do Papel Moeda

Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Museologia
Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Projecto de Estágio – 2005-2006
Sónia Maria Almeida Santos

Índice

I. Descrição do Âmbito do Trabalho 1

II. Análise do Sistema Vigente 2
- II.1. Espaços 2
  - II. 1. 1. Parque de estacionamento 2
  - II. 1. 2. Foyer 2
  - II. 1. 3. Restaurante 3
  - II. 1. 4. Salas de Exposição Permanente 3
  - II. 1. 5. Salas de Congressos / Exposições Temporárias 4
  - II. 1. 6. Sala Dos Serviços de Educação 4
- II. 2. Levantamento de Barreiras que Impeçam ou Dificultem a Acessibilidade 5
- II. 2. 2. Barreiras ligadas às dificuldades auditivas 5
  - II. 2. 2. 1. Barreiras de Conteúdos 5
- II. 2. 3. Barreiras ligadas às dificuldades visuais 5
  - II. 2. 3. 1. Barreiras de Conteúdos 5
  - II. 2. 3. 2. Barreiras Físicas 6
- II. 2. 4. Barreiras ligadas às dificuldades de locomoção 6
  - II. 2. 4. 1. Barreiras Físicas 6
- II. 2. 5. Barreiras ligadas a outras dificuldades 8
  - II. 2. 5. 1. Barreiras de Conteúdos 8

III. Normas e procedimentos ao trabalhar com deficientes 9
- III. 1. Gerais 9
- III. 2. Dificuldades Auditivas 10
- III. 3. Dificuldades Visuais 12
- III. 4. Dificuldades de Locomoção 14
  - III. 4. 1. Paraplégicos em Muletas 14
  - III. 4. 2. Paraplégicos em Cadeiras de Rodas 14
  - III. 4. 2. 1. Paraplégicos 14
  - III. 4. 2. 2. Tetraplégicos 14
  - III. 4. 3. Normas de conduta 14
  - III. 4. 4. Como empurrar uma cadeira de rodas 15
  - III. 4. 5. Como subir um degrau 15
  - III. 4. 6. Como descer um degrau 15
  - III. 4. 7. Como subir escadas 15
  - III. 4. 8. Como descer escadas 15
- III. 5. Deficiência Mental 16

III. 6. Paralisia Cerebral 17
III. 7. Epilepsia 17

IV. Integração de Pessoas com deficiência (s) no Museu do Papel Moeda 18
IV. 1. Deficientes Visuais
IV. 1. 1. Plano de Orientação 18
III. 3. 1. 1. Táxi 18
III. 3. 1. 2. Autocarro 18
IV. 2. Deficientes Auditivos 21
IV. 2. 1. Mapa: "Uma viagem ao Mundo do Dinheiro" 21

V. Normas para Conteúdos Informativos 26
V. 1. Construção de Textos 26
V. 1. 2. Tamanho da Letra 26
V. 1. 3. Número de Palavras 26
V. 2. Web 27
V. 2. 1. Apresentação da Informação 27
V. 2. 2. Navegação 27
V. 2. 3. Verificar a Acessibilidade 27

VI. Medidas a Implementar a Curto, Médio e Longo Prazo 28

Bibliografia 30

Índice de Figuras
Índice de Anexos

Índice de Figuras

1 – Parque de estacionamento 2
2 – Foyer 2
3 - Restaurante 3
4 - Sala de Exposição Permanente “Papel Moeda” 3
5 – Tórculo 3
6 – Vitrinas “Papel Moeda” 3
7 – Sala de Exposição Permanente “O Dinheiro e os Transportes” 4
8 - Sala de Exposição Permanente “O Dinheiro e os Transportes” 4
9 – Auditório 4
10 – Salas Multiusos 4
11 – Sala dos Serviços de Educação 4
12 – Sala de projecção do filme a 3D 5
13 – Maqueta 5
14 – Entrada para o restaurante da Fundação 6
15 – Vitrina da sala “Papel Moeda” 6
16 – Vitrina da sala “Papel Moeda” 6
17 – Rampa de entrada para a Fundação 6
18 – Zona de descanso da sala “Papel Moeda” 7
19 – Rampa da saída da sala de projecção do filme a 3D 7
20 – Rampa da sala multimédia 7
21 – Elevador 7
22/23 – Rampa de saída da sala multimédia/entrada da sala de projecção 7
24 – Exemplar de folha de sala da sala “Papel Moeda” 8
25 – Exemplar de vitrina da sala “Papel Moeda” 8

Índice de Anexos

1 – Estudos Diamétricos e Antromométricos

2 – Normas de Acessibilidade

3- Directivas para a Acessibilidade do Conteúdo da Web – 1.0

I. Descrição do Âmbito do Trabalho

Este Plano de Acessibilidades foi desenvolvido como parte integrante do projecto de estágio, incluído no 2º ano do Curso Integrado de Estudos Pós-Graduados em Museologia, promovido pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. O estágio foi desenvolvido no Museu do Papel Moeda – Fundação Dr. António Cupertino de Miranda.

O presente documento visa a criação de um manual de "Boas Práticas" no que respeita o estabelecimento de comunicação com cidadãos com necessidades especiais. Para tal, foi feito um estudo aprofundado das diversas deficiências, suas implicações e limitações. Estudo esse que se realizou não só através de pesquisa bibliográfica como, também, junto das instituições de acolhimento de cidadãos portadores de deficiências e de técnicos especializados, sem excluir os próprios deficientes e seus familiares.

É importante que na cultura se criem condições e incentivos à participação da pessoa com deficiência, de modo a que eles se possam sentir em plena igualdade com os outros cidadãos, para isso propõem-se adaptações e soluções diferenciadas atendendo à heterogeneidade das pessoas portadoras de deficiência.

II. Análise do Sistema Vigente

A Fundação Dr. António Cupertino de Miranda, enquanto Centro de Congressos e Museu do Papel Moeda encontra-se equipada com os requisitos indispensáveis para possibilitar o acesso a todos os que se desloquem até lá. No entanto, há alguns condicionantes que devem ser analisados.

II.1. Espaços

II. 1. 1. Parque de estacionamento

O parque de estacionamento tem capacidade para aparcar 120 viaturas ligeiras, não tem indicação de lugares específicos para carros que transportem utentes com cadeiras de rodas, no entanto, os lugares não estão demarcados no chão, o que lhes permite ocupar o lugar conforme necessitem. No caso de lotação esgotada o parque mais próximo é o do Parque da Cidade, que fica mesmo em frente à Fundação, existe igualmente aparcamento ao longo da Avenida da Boavista, onde se localiza a Fundação.

II. 1. 2. Foyer

O acolhimento ao público é de extrema importância, pois se este se sentir bem num espaço acolhedor vai estar mais receptivo à informação e a interacção. Na Fundação Dr. António Cupertino de Miranda o hall de entrada é o principal meio de acolhimento ao diverso público, seja para o Museu, para o Centro de Congressos ou para os Serviços Administrativos. É um espaço de grandes dimensões, amplo e desimpedido.

O hall incorpora a recepção, esta tem ligação directa a um bengaleiro onde os casacos / malas / mochilas podem ser entregues de modo a deixar o visitante mais liberto.

Tem ligação directa para:

- Serviços Administrativos da Fundação de acesso reservado a funcionários, à direita imediatamente a seguir à entrada;
- Área do Restaurante, à esquerda da entrada. A área do restaurante possui ainda ligação às casas de banho;

- Sala de auditório, em frente à entrada;
- Sala de controlo de som, de acesso reservado aos funcionários, paralela à entrada para o restaurante e à esquerda da entrada para o auditório;
- Área do Museu, à direita,
  - Sala da exposição permanente do Papel Moeda,
  - Sala dos Serviços Educativos;
- Sala de auditório, à direita da entrada da Fundação e à esquerda da entrada para a sala de exposição permanente do Papel-Moeda.

II. 1. 3. Restaurante

O restaurante da Fundação Dr. António Cupertino de Miranda encontra-se aberto de segunda-feira a sábado e trabalha independentemente da Fundação e do Museu. Tem lotação máxima para cerca de 260 pessoas. A entrada é feita seguindo pela esquerda da entrada da Fundação.

II. 1. 4. Salas de Exposição Permanente

O Museu do Papel Moeda é constituído por duas áreas de exposição permanentes, a do Papel Fiduciário ("Papel Moeda") situada no Rés do Chão e a das miniaturas (" O Dinheiro e os Transportes"), no piso -2.

A primeira é constituída por:

- Apólices do Real Erário;
- Notas do Banco de Portugal – Monarquia e República;
- Notas do Banco Nacional Ultramarino;
- Cédulas;
- Cheques;
- Lotarias;
- Acções de Companhias;
- Recibos Selados;
- Papel Selado;

A segunda apresenta quatro pólos:

- "Dinheiro e Transportes Marítimos";

- " Dinheiro e Transportes Terrestres";
- "Dinheiro e os Transportes Aéreos";
- "Futuro, fotoquiosque e view masters – Europa".

A colecção que consta com cerca de 5000 miniaturas automóveis foi doada pelo Dr. Alberto Correia de Almeida, director da FACM, e os barcos foram feitos pelo Dr. Arnaldo Luizello da Rocha Brito, que os remeteu à FACM em regime de depósito. Esta exposição conta ainda com a apresentação de um filme a 3D e com um total de doze filmes documentários que ajudam a elucidar os visitantes mais curiosos. Para além das miniaturas automóveis, barcos, aviões e comboios é ainda possível observar uma maqueta da região do Douro com comboios em movimento que conta com 7m de comprimento.

II. 1. 5. Salas de Congressos / Exposições Temporárias

As salas de exposição do Museu do Papel Moeda são bastante versáteis uma vez que tanto podem funcionar como salas de exposição e/ou auditórios para os mais variados fins, desta forma foram concebidas para poderem ser compartimentadas consoante o fim que se pretende. O MPM tem duas salas possíveis para exposição temporária, uma encontra-se no rés-do-chão e a outra, de maiores dimensões, no piso -1. Ambas têm acesso facilitado, uma por se encontrar ao mesmo nível da entrada para a Fundação e a outra por ser acessível tanto por escadas como por elevador.

II. 1. 6. Sala Dos Serviços de Educação

A sala dos Serviços de Educação encontra-se à direita da entrada para a sala de exposição permanente do "Papel Moeda". É uma pequena sala com um conjunto de largos "degraus" onde as crianças se podem sentar, e nas paredes encontram-se vitrinas com miniaturas terrestres (automóveis e comboios) e marítimas, uma amostragem do que se pode encontrar na sala de exposição permanente do piso -2.

II. 2. Levantamento de Barreiras que Impeçam ou Dificultem a Acessibilidade

Existem várias barreiras, de natureza física / arquitectónica, tecnológica, social, etc. que impedem o acesso a todos os cidadãos. Em seguida, encontra-se uma análise dessas mesmas barreiras, elaborada de forma a cobrir as deficiências auditivas, visuais, físicas e mentais.

II. 2. 1. Barreiras ligadas às dificuldades auditivas

Ser portador de dificuldades auditivas, ligeiras ou profundas, não pressupõe a existência de problemas de mobilidade, salvo possíveis excepções, na análise presente constam somente as barreiras que podem surgir a nível de aquisição / interpretação de informação.

II. 2. 1. 1. Barreiras de Conteúdos

- Ver o filme em 3D "A História do Dinheiro", não o poderão ouvir e este não tem legendas nem a sobreposição de um intérprete de Língua Gestual para que seja compreendido. O mesmo acontece com os filmes documentários dos pólos dos transportes marítimos e aéreos;
- Fazer uma visita guiada sem a assistência de um interprete de Língua Gestual.

II. 2. 2. Barreiras ligadas às dificuldades visuais

No caso das dificuldades visuais, ligeiras ou profundas, tem de se ter em atenção as barreiras físicas que possam apresentar perigo. No que compreende as dificuldades de aquisição / interpretação de informação, implica que esta seja feita através de conteúdos próprios, uma vez que na falta dos mesmos, será muito difícil, ou até mesmo impossível, obter compreensão sobre os conteúdos informativos.

II. 2. 2. 1. Barreiras de Conteúdos

- Visualização dos filmes documentários nos pólos dos transportes marítimo e aéreo;
- Visualização do filme a três dimensões, "A História do Dinheiro";
- Fotoquiosque;
- Ver a maqueta do Douro;

- Ver a colecção;
- Ler os conteúdos das exposições.

II. 2. 3. 2. Barreiras Físicas

- Escadas;
- Existência de um cortinado antes da porta de entrada para a sala de exposição "O Dinheiro e os Transportes" que pode confundir o cego;
- Rampas na sala de exposição "O Dinheiro e os Transportes" junto à maqueta e à entrada para o fotoquiosque.

II. 2. 4. Barreiras ligadas às dificuldades de locomoção

Quem sofre de mobilidade reduzida depara-se muitas vezes com barreiras arquitectónicas quase impossíveis de transpor, ainda que, estas sejam as mais fáceis de identificar.

II. 2. 4. 1. Barreiras Físicas

- Existência de um cortinado antes da porta de entrada para a sala de exposição "O Dinheiro e os Transportes" obriga a que o utilizador tenha de se inclinar para a frente a fim de o afastar;

- A nível expositivo existem alguns problemas, as vitrinas são muito altas e reflectem luminosidade, o que dificulta a leitura sob um ângulo baixo de posicionamento. As peças colocadas nas vitrinas, com a forma de pirâmides, na sala de exposição permanente do Papel-Moeda, não permitem a visualização por pessoas em cadeiras de rodas uma vez que não só não se conseguem aproximar nem a sua altura é suficiente.

- Na entrada para a Fundação existem alguns lanços de escadas, no entanto existe uma rampa de acesso no lado lateral esquerdo, mas que é de difícil transposição sem ajuda. Pode ainda ser efectuada através da entrada directa para o restaurante que não apresenta qualquer dificuldade;

- O acesso aos pisos inferiores é feito por escadas, mas existe um elevador que permite o acesso a pessoas com mobilidade condicionada;
- Existência de um WC para deficientes (este aponta apenas uma dificuldade, como se encontra no piso -1 é necessária a utilização do elevador);
- O foyer é suficientemente espaçoso e permite uma fácil e livre circulação de várias cadeiras de rodas;
- A entrada para a sala de visionamento do filme em 3D sobre a História do Dinheiro é feita através de um par de escadas, no entanto existe uma porta, na entrada principal, para a sala de exposição que possibilita o acesso. Nesta sala coloca-se ainda outra questão, mais difícil de contornar, não há lugares especiais para cadeiras de rodas, estas terão de ser colocadas mesmo em frente à parede onde é feita a projecção, o que poderá dificultar a visualização perfeita do filme, ou denunciar falta de espaço no caso de existirem vários utilizadores de cadeiras de rodas na mesma visita, desta forma estabelece-se um número máximo de 3 visitantes em cadeira de rodas por sessão;
- Nas salas de exposição não há qualquer problema que condicione a mobilidade reduzida, os "corredores" que separam as vitrinas são suficientemente amplos e espaçosos;
- O acesso às exposições não é condicionante. No entanto, se as portas estiverem fechadas são de difícil abertura, quer para deficientes motores, quer para crianças.
- Tem uma zona de descanso junto à porta para pessoas com dificuldades de mobilidade, como por exemplo idosos.

II. 2. 5. Barreiras ligadas a outras dificuldades

Nesta categoria incluem-se os cidadãos com Deficiência Mental, Síndrome de Down, e todos os outros que apresentem dificuldades a nível de apreensão cognitiva.

No caso de Paralisia Cerebral as barreiras incluem igualmente os aspectos já mencionados nas dificuldades de locomoção.

II. 2. 5. 1. Barreiras de Conteúdos

- Conteúdos com linguagem pouco acessível.
- Dificuldade de orientação sequencial dos conteúdos da colecção fiduciária.

III. Normas e procedimentos ao trabalhar com deficientes

Qualquer cidadão com deficiência sofre uma perda de independência em relação aos outros e sente-se inferiorizado e envergonhado da sua deficiência, desta forma nunca deve ser objecto de exposição. Um dos maiores problemas que o deficiente tem de superar é a caridade do seu próximo, os sentimentos de compaixão são deprimentes e a piedade muitas vezes pode parecer uma esmola, a melhor ajuda é prestada por aqueles que conseguem colocar-se no lugar do deficiente sem demonstrar que o estão a ajudar.

III. 1. Gerais

- Nunca ajudar sem perguntar à pessoa se quer ser ajudada, muitas pessoas sentem-se inferiorizados, subestimados e controlados nessas situações;
- Ajudar, se possível, sem chamar a atenção para o que está a fazer;
- Aproximar-se dos deficientes com a maior naturalidade. Todo o deficiente deseja basicamente o mesmo, ser tratado normalmente, mas, infelizmente, a maior parte das pessoas comporta-se desajeitadamente ou fica inibida. Alguns desmancham-se em piedade enquanto outros emudecem, sem contar com os que os tratam como se fossem crianças.
- Ter sempre em mente que muitos deficientes conseguem fazer mais do que se imagina, não demonstre admiração exagerada sempre que isso acontecer;
- Os deficientes, tal como todas as pessoas, necessitam do contacto humano e gostam de ser reconhecidos;
- O rejeitar de ajuda não é sinal de má vontade mas de procura de autoconfiança, se a sua ajuda for rejeitada uma vez não deixe de continuar a oferecer-se futuramente, nem leve a mal sempre que isso acontecer.

III. 2. Dificuldades Auditivas

- Uma das primeiras coisas a ter presente em qualquer acção comunicativa é que não é preciso falar ou ouvir para se poder comunicar. Do mesmo modo, não deve partir do princípio de que nós, ouvintes, somos pessoas "normais" e que os surdos não o são! Todo o surdo aprecia que se tente comunicar com ele.
- Em virtude de não ouvir a sua própria voz, o surdo fala, geralmente, sem entoação, noutro nível de som e não consegue utilizar-se da múltipla escolha na formação das frases;
- Os surdos, muitas vezes, escondem a sua situação, acenam com a cabeça quando lhes é dirigida a palavra e evitam o contacto;
- Sempre que se recorrer ao apoio de um intérprete de Língua Gestual, não devemos centrar a nossa atenção e olhar no intérprete, mas sim no Surdo. Afinal é com ele que pretendemos estabelecer contacto e conversar. Nunca se deve tratar o surdo como se ficasse invisível na presença do intérprete!
- No caso da pessoa conseguir ler lábios é estritamente necessário que antes de iniciar a conversa se lhe chame a atenção. Se não for prevenido ele não saberá que estão a falar! Do mesmo modo, não se deve tapar a boca com as mãos, caneta, cigarro, alimentos, etc. Deve-se falar pausadamente e num tom de voz calmo, mas sem exageros! Não se deve gritar ou elevar demasiado o tom de voz! Ao falar deve-se ir directo ao assunto, pois está a exigir um grande nível de concentração por parte da outra pessoa. Devem-se usar frases curtas e simples. Se o discurso não for entendido, deve-se repetir utilizando outras palavras com o mesmo significado ou reformular a frase mantendo o sentido original. Se necessário, ainda se pode recorrer a gestos que ajudem a melhorar a expressão.
- Antes de iniciar conversa com um surdo que saiba ler lábios deve-se certificar que tem luz suficiente a iluminar a cara. Não eleve a voz, ele consegue ler lábios mesmo sem a outra pessoa pronunciar qualquer som. Fale normalmente e sem exageros, isto é, nem muito depressa nem muito devagar.
- Por vezes, pequenas gesticulações e mímicas ajudam na compreensão;
- Nunca manter uma conversa em grupo com uma ou mais pessoas surdas sem o apoio de um intérprete. Mesmo que eles saibam ler os lábios não vão poder estar simultaneamente a prestar atenção a todos os intervenientes na conversa.
- Lembre-se que ele não pode, ao mesmo tempo, ler os seus lábios e prestar atenção a uma demonstração. Demonstre primeiro, explique em seguida;
- Na presença de surdos evitar falar deles, não o ouvem o que está a ser dito e prestarão demasiada atenção aos gestos, podendo originar conclusões erróneas;
- Um surdo não ouve mas vê e percebe com grande nitidez, o que pode vir a influenciar a sua conduta perante outros;

- Não identificar um surdo como “mudo”. Esta palavra foi legalmente eliminada. A pessoa que é surda e “muda” (sobretudo a que é surda de nascença ou que se tornou surda antes de ter podido falar), apresenta a incapacidade de falar porque é surda, ou seja, não fala, não porque os seus órgãos fonadores estejam mal formados, mas unicamente porque ao não ouvir os sons, não os pode imitar.

III. 3. Dificuldades Visuais

- Nunca se deve seguir um cego com a finalidade de o ajudar, ele perceberá que está a ser seguido e tornar-se-á inseguro;
- Ao iniciar conversa com um cego a pessoa deve fazer-se notar, apresentando-se. Da mesma forma, deve despedir-se antes de sair para que ele saiba que vai ficar sozinho e não criar situações embaraçosas, como por exemplo, o cego perceber que estava a falar sem ouvintes;
- Nunca exprimir compaixão e/ou expressões de excessiva admiração por o cego ser capaz de fazer coisas que os visuais também fazem;
- Por norma, os cegos quando guiados têm muito medo de se perder do seu guia, este deve transmitir-lhe segurança andando devagar e com cuidado;
- Deve-se oferecer o braço e deixar que seja o cego a apoiar-se nele (ele vai agarra-lo um pouco acima do cotovelo), não se deve agarrar o braço do cego ou empurrá-lo à frente;
- É desnecessário mencionar direcções, ele percebe através da sua sensibilidade direccional;
- Somente em locais estreitos é que o guia deve passar à frente;
- O cego deve ser informado quando subir ou descer degraus;
- Sempre que aparecer algum obstáculo, que impeça o percurso ou que apresente perigo para com o cego, deve ser mencionado e identificado, não se deve usar somente a expressão "cuidado", ele não saberá a que se refere! No caso dos degraus, somente se deve dizer o seu número se forem poucos e de fácil contagem, caso contrário, um erro na sua contagem pode resultar numa queda grave. No caso de escadas com corrimão a mão do cego deve ser colocada neste, para que lhe seja facilitada a orientação;
- Nunca ajudar um cego acompanhado por um cão guia sem que ele o peça;
- No caso do cego vir acompanhado por um cão-guia este não deve ser distraído da sua função/missão. Cativar a sua atenção, chamando-o, oferecendo-lhe comida e/ou festas irá comprometer o percurso original. Não esquecer que o cão-guia que acompanha o invisual tem permissão de entrada em locais públicos estabelecida na Lei de Bases da Prevenção e da Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, Lei n.º 9/89 de 2 de Maio e nos termos da alínea c) do n.º 1 do artigo 198º da Constituição[1].

[1] "*O presente diploma estabelece o direito de acessibilidade dos deficientes visuais acompanhados de cães-guia a locais, transportes e estabelecimentos de acesso público…"* (artigo 1º), da mesma forma é importante referir que *"O direito de acesso previsto ao artigo anterior não implica qualquer custo suplementar para o invisual e prevalece sobre quaisquer proibições que contrariem o disposto no presente diploma, ainda que assinalados por placas ou outros sinais distintos."* E este direito apenas pode ser negado caso o animal apresente *"… sinais manifestos de doença, agressividade, falta de asseio (…) ou outra característica anormal (…) ou se comporte de forma inadequada de modo a perturbar o normal funcionamento do local em causa…".*

- Não se deve alterar o uso de expressões orais a fim de evitar termos relacionados com a visão, como "olhe" / "veja" ou da denominação de "cego" / "cegueira". Estas devem ser usadas sem constrangimentos e não deve ser feita a sua substituição por outras, como por exemplo, "apalpe";
- Sempre que se verificar uma conversa em grupo na presença de uma ou mais pessoas cegas, antes de se dirigir a ela (s) deve pronunciar o seu nome para que saiba que falam com ela, no caso de desconhecimento do nome, deve ser tocada aquando o início da conversa, desta forma saberá o discurso lhe é dirigido;
- Para que o cego se sente, basta que a sua mão seja colocada nas costas ou braço da cadeira, isto dar-lhe-á independência suficiente para o acto. Deve ser informado se a cadeira está à esquerda ou à direita.
- Numa escada, a mão do cego deve ser colocada no corrimão e deve ser informado de quando as escadas e / ou o corrimão começam e acabam;
- Não falar num tom mais alto do que aquele que se empregaria normalmente;
- Dirigir sempre a palavra ao invisual e não ao seu acompanhante;
- Se o cego perder o sentido da direcção deve-lhe ser explicado o que se encontra à frente e a trás, à direita e à esquerda;
- Ao ajudar um cego a entrar num carro deve ser informado se vai ficar sentado à frente ou na traseira do automóvel. Deve-se colocar a mão na borda superior da porta aberta, com a outra mão ele tocará no tecto e depois no assento;
- Ás refeições, se ajuda for solicitada, deve-se dizer o que está no prato seguindo a direcção dos ponteiros, como por exemplo: arroz às 6h e carne às 10h. O lugar do copo deve ser apontado e nunca se deve encher em demasia. Aos fumadores deve ser disponibilizado um cinzeiro.
- Sempre que se ajudar a tirar / guardar um casaco cego deve ser informado de onde foi colocado;
- As "risadas" devem ser evitadas perto de um cego, ele não saberá se é o alvo e isso deixá-lo-á inseguro;
- As portas são muitas vezes um problema, uma vez que eles não vêm para que lado abre;

III. 4. Dificuldades de Locomoção

III. 4. 1. Paraplégicos em Muletas

- Precisam de ajuda para se sentar e levantar, subir e descer escadas.
- Cumprimentar pode ser um problema, ou seja, ao estender a mão para um cumprimento muitas vezes não sabe o que fazer à muleta ou pode mesmo perder o equilíbrio.

III. 4. 2. Paraplégicos em Cadeiras de Rodas

Dividem-se em dois grupos:

III. 4. 2. 1. Paraplégicos

- Parte inferior do corpo paralisada
- Podem movimentar os braços
- Consegue sentar-se e sair da cadeira de rodas sem ajuda

III. 4. 2. 2. Tetraplégicos

- Não se movimentam sem ajuda
- Dependem muitas vezes de acompanhantes
- Tratamentos demasiado íntimos, como palmadinhas nas costas, devem ser evitados
- Muitas vezes as pessoas dirigem-se aos acompanhantes, esquecendo que a pessoa que está na cadeira é quem requer informações / prestação de serviços

III. 4. 3. Normas de conduta

- Na presença de alguém em cadeira de rodas nunca empurrar sem pedir previamente autorização ao seu utilitário;
- Ao se acompanhar alguém em cadeira de rodas, a posição mantida deve ser a de lado a lado e não atrás ou à frente, deve-se ainda adequar o passo de forma a manter o mesmo ritmo;
- No caso de conversas mais prolongadas, deve ser mantida a mesma altura, de forma a ser possível manter contacto visual sem causar desconforto para nenhum dos intervenientes;
- Sempre que se tiver de guiar uma cadeira de rodas entre muita gente tem de se avançar com muito cuidado, atropelar alguém pode ser muito embaraçoso para a pessoa que está na cadeira;
- É normal que as crianças se aproximem para conversar com o deficiente motor, esta conduta não deve ser reprimida;

- Devido à diferença dos ângulos de visão, antes de mostrar alguma coisa, tem de se ter a certeza que esta está no ângulo de visão acedido pela pessoa na cadeira de rodas.

III. 4. 4. Como empurrar uma cadeira de rodas

- Sempre suavemente e nunca aos solavancos;
- Ao parar travar sempre a cadeira;
- Sempre que se precisar de erguer a cadeira deve-se agarrar pela armação de ferro, nunca pelas partes amovíveis.

III. 4. 5. Como subir um degrau

Encostar as rodas dianteiras no degrau e inclinar a cadeira ligeiramente para trás, até que as rodas menores estejam em cima do degrau, depois empurrar a cadeira para cima do mesmo, segurando-a pelos punhos, até que as rodas traseiras fiquem igualmente em cima do degrau.

III. 4. 6. Como descer um degrau

Empurrar a cadeira até que as rodas dianteiras estejam à beira do degrau. Pisar o cano transversal entre as rodas traseiras e, ao mesmo tempo, empurrar os punhos para baixo, inclinando a cadeira ligeiramente para trás. Depois deixar deslizar as rodas traseiras, suavemente, degrau a degrau.

III. 4. 7. Como subir escadas

Em geral, são necessárias duas pessoas. A traseira da cadeira será encostada na escada, inclinada ligeiramente para trás e cuidadosamente içada pelas rampas laterais da escada. A segunda pessoa empurra a cadeira para cima, pela armação. Ambos precisam de estar firmemente apoiados no chão.

III. 4. 8. Como descer escadas

São igualmente necessárias duas pessoas. A primeira maneja a cadeira como exemplificado em descer um degrau e a segunda, de frente para a primeira, segura a cadeira pela armação na altura dos braços. Portanto, a segunda pessoa está a descer de costas e, além disso, terá de ficar com as pernas abertas, devido ao apoio dos pés da cadeira.

III. 5. Deficiência Mental

- Nunca cumprimentar / falar com um adulto com deficiência mental como se de uma criança se tratasse;
- Ao lidar com deficientes mentais é importante não esquecer que eles não podem ser responsabilizados pelos seus actos;
- Por norma são pessoas muito receptivas à bondade e à compreensão;
- Lidar com crianças requer muita paciência e continuas repetições. As exigências que lhes são pedidas progridem muito vagarosamente e cada novidade exige, primeiro, uma demonstração devidamente acompanhada de controlo e elogios;
- Nunca deixar de responder às perguntas deles, mesmo que sejam um pouco desagradáveis ou proferidas em tons de voz elevados;
- Ao lidar com crianças tenha em conta:
  - Por norma são hiperactivas,
  - Têm dificuldade em se manterem concentradas por longos períodos de tempo,
  - Muitas vezes não são colaborantes,
  - Têm défice psicomotor e de iniciativa,
  - Sofrem de deficiência intelectual, portanto, não têm a mesma capacidade que as outras crianças da sua idade,
  - Sofrem de imaturidade psico-afectiva o que leva ao bloqueio dos afectos;
- Não esquecer que o deficiente mental pode aprender, embora num processo mais lento do que o de um indivíduo dito normal. Não se admitem limites para a sua capacidade de aprendizagem, a não ser os que advêm do seu próprio ritmo. Para obter melhores resultados deve-se ter em conta os seguintes procedimentos:
  - Incitação verbal e gestual (modelamento),
  - Guiar movimentos: a criança, em muitos casos, não possui no seu reportório de comportamentos aquele que se lhe pretende ensinar,
  - Uso de reforço imediato, por exemplo, através de fichas.

III. 6. Paralisia Cerebral

Por norma o cidadão com paralisia cerebral sofre de múltiplas deficiências o que torna a sua assistência mais complicada. Para que a comunicação seja eficazmente estabelecida tenha em conta os seguintes aspectos:

- O portador de paralisia cerebral pode sofrer desde pequenas a profundas perturbações motoras;
- Pode manifestar dificuldade na fala, tal como, na visão e audição;
- Nas pessoas que sofrem de espasmos o corpo permanece em constante movimento, sem nenhum controlo motor, deste modo, em vez de receber um sorriso pode surgir uma careta e na tentativa de falar, apenas uma confusão de sons ou de palavras;
- O relacionamento com este tipo de deficientes requer muita paciência.

III. 7. Epilepsia

Geralmente o início de um ataque manifesta-se através de tonturas, náuseas ou irritação.

- Ao se presenciar um ataque deve-se agir da seguinte forma:
  - Deitar a pessoa no chão,
  - Desapertar-lhe as roupas principalmente junto ao pescoço,
  - Para evitar a compressão dos dentes e ferimentos na língua e bochechas colocar um lenço dobrado entre os dentes;
- E pelo contrário, <u>nunca</u> se deve:
  - "Desatar" à força os braços e as pernas enrijecidos pelas cãibras,
  - Salpicar água,
  - Aplicar respiração artificial,
  - Tentar reanimar "sacudindo", batendo ou através do cheiro de alguma substancia;
- Em geral um ataque dura cerca de 3 minutos, caso dure mais de 10 minutos entre em contacto com o Número Nacional de Socorro (112);
- Não se assuste se a respiração for irregular;
- Mantenha o paciente calmo após o ataque para que as células exaustas do sistema nervoso se possam recuperar;
- Não fale sobre o sucedido, o epiléptico não se lembrará de nada.

IV. Propostas para a Integração de Pessoas com Deficiência no Museu do Papel Moeda

Com vista a criar condições essenciais ao acolhimento de pessoas com necessidades especiais propõe-se a adaptação de alguns dos conteúdos já existentes.

IV. 1. Deficientes Visuais

- Criação de uma maqueta em escala reduzida que possa ser tacteada;
- Disponibilização de peças passíveis de ser sacrificadas ou criar réplicas das peças mais emblemáticas que possam ser tacteadas;
- Colocar folhas de sala em Braille com os conteúdos informativos das exposições.

IV. 1. 1. Plano de Orientação

O presente plano foi estudado e formulado de forma a permitir maior independência aos invisuais que pretendam dirigir-se ao Museu sem a ajuda/apoio de terceiros, desta forma, obtêm as indicações para chegar até ao Museu do Papel Moeda. A melhor forma de promover a acção deste plano de orientação será disponibiliza-lo on-line através da aplicação de um sistema de leitura, sem essa aplicação o invisual terá de ter ajuda de uma terceira pessoa que lhe leia as indicações; outra hipótese é disponibiliza-lo em Braille.

III. 3. 1. 1. Táxi: Deve-se pedir ao condutor para entrar dentro do parque de estacionamento, parando mesmo na entrada ao acesso à Fundação. Deve ser posto em prática o plano de orientação a partir desse ponto.

III. 3. 1. 2. Autocarro[2]: o que serve a Fundação tem o n.º 502 e faz os sentidos Matosinhos – Mercado do Bolhão. Tem de ter atenção para qual é o seu sentido, consoante a paragem do sentido em que se encontrar, pode seguir as indicações abaixo indicadas. Note que se sair na do sentido Mercado do Bolhão – Matosinhos não terá de seguir estas indicações iniciais, apenas as que prosseguem a paragem indicada com esse sentido.

[2] Autocarro 502 – Matosinhos – Mercado do Bolhão / Mercado do Bolhão - Matosinhos
Autocarro com serviço andante, zona C2
Paragem: Parque da Cidade

Ao sair do autocarro vai estar no lado oposto ao da Fundação pelo que tem de atravessar a rua.

Ao sair vire à esquerda, dum lado vai ter a estrada e do outro o parque de estacionamento de Parque da Cidade, o parque está demarcado com um passeio pelo que sente a elevação desse lado, do lado da estrada, à esquerda vai encontrar a demarcação do espaço através de árvores. A primeira aparece cerca de 5 passos depois de começar a andar, a segunda aos 16 e a terceira aos 24, passa ainda por um poste de electricidade e cerca de 5 passos depois chega à passadeira. Se seguir pelo interior ao contabilizar 49 passos pode virar à esquerda, encontra-se em frente à passadeira. Apesar de ter semáforo não é acompanhada de sinal sonoro!

A passeira tem uma pequena rampa no início e no fim, ao atravessa-la contabilizará cerca de 35 passos. No fim desta vire à direita.

Este caminho é acompanhado por muro do lado esquerdo, pode utilizá-lo para se proteger da estrada. Depois de 14 passos encontra uma árvore à direita, nova árvore aos 21 e aos 31. Aos 37 vai ter nova paragem de autocarro[3], sentido Mercado do Bolhão – Matosinhos.

Do lado direito tem a estrada, do lado esquerdo um muro. Após 6 passos tem uma árvore à direita, aos 16 um poste de electricidade, aos 25 e 41 novamente árvores, aos 58 poste de electricidade, aos 73 e 81 novas árvores. Por esta altura o muro que o acompanha dá lugar a placas de metal (devido à obra que decorre), decorridos cerca de 11 passos as placas de metal acabam e o passeio alarga para a esquerda. Aos 20 passos começa a ter vegetação que se sobrepõe ao muro e que passa por cima da cabeça, cuidado para não se magoar! Aos 49 passos vai sentir uma caixa de metal também à esquerda e aos 66 passos o passeio vai novamente alargar para a direita, agora está a chegar à entrada do parque de estacionamento da Fundação. Quando perfizer cerca de 75 passos vire novamente à esquerda e acaba de entrar no parque. Vai notar alteração na calçada.
Ao chegar ao parque de estacionamento, vá avançando com cuidado para não esbarrar contra nenhum carro que possa estar estacionado. São cerca de 30 passos até sentir uma elevação do solo que o levará

directamente à entrada da Fundação. Se tiver carros estacionados direccione-se para a sua direita até sentir que pode passar, sentirá que o solo é novamente diferente (cerca de 30 passos a direito ou 20 + 12 caso tenha carros estacionados à sua frente e se tenha de desviar ligeiramente para a direita), vai detectar um muro à sua direita e um pino de metal à sua esquerda.

Ao entrar no acesso à Fundação, são cerca de 50 passos até chegar aos degraus, a meio irá passar por uma pequena grade de escoamento que atravessa o caminho horizontalmente. Chegando aos degraus, conte 4, 8 passos depois vai ter a porta, a entrada é apresentada sob a forma de um quadrado saído, toda a entrada é coberta por paredes de vidro. Ao chegar à porta empurre e notará que o chão é diferente, andará em cima de um tapete, avance com cuidado, cerca de 5 passos depois terá outra porta, idêntica à primeira. Agora sim, entrou dentro da Fundação, (se for amblíope notará que o chão reflecte alguma luz provocando sombras, não se preocupe pois não há obstáculos).

Contabilizando 9 passos direccionados para a direita começa a entrar em contacto com o móvel que dá lugar à recepção, são mais 3 passos até à recepcionista.

Vire-se e caminhe 20 passos, nesta altura poderá decidir qual das salas de exposição deseja ver. Se for a do Papel Moeda, vire à direita e cerca de 16 passos depois estará à porta. Se for à do Dinheiro e os Transportes, tem duas alternativas, escadas ou elevador, se preferir o elevador, tenha em atenção que este não tem numeração em Braille, terá de ir para o piso -2, o primeiro botão a contar de baixo, do lado direito. O elevador fica a cerca de 5 passos, à esquerda. Pelas escadas terá de contar 8 degraus, rodar à direita, mais 3, vira novamente à direita e tem mas 8, ande 3 passos para a direita e encontrará mais 8 degraus, depois vira novamente à direita e tem mais 3, seguidos de outros 8, atenção porque o corrimão acaba ligeiramente antes do último degrau o que o pode levar em erro. Após descer as escadas, conte 11 passos à direita e entrará no Museu, pode sentir uma cortina puxada para o seu lado esquerdo, com mais 5 passos sente a carpete debaixo dos pés, está agora dentro do Museu.

IV. 2. Deficientes Auditivos

- Legendar ou colocar a imagem de um intérprete de Língua Gestual nos filmes;
- Criar conteúdos informativos com uma linguagem mais acessível que possam ser consultados pelos visitantes surdos. Estas medidas irão, igualmente, responder às necessidades de pessoas com dificuldades de compreensão a nível gramatical.
- Deve ser ainda ser disponibilizado um "mapa" da exposição de forma a ser mais simples a sua visita quando não orientada por um técnico dos Serviços Educativos.[4]

IV. 2. 1. Mapa: "Uma viagem ao Mundo do Dinheiro"

Como referido anteriormente este mapa foi formulado tendo em conta um nível de conteúdos e de linguagem simplificado de forma a ser acessível a todos os que tenham dificuldades de apreensão de conteúdos. O presente roteiro deve ser disponibilizado num tamanho de letra ampliado; de forma a beneficiar o grau de acessibilidade do mapa podem ser colocadas fotografias junto aos núcleos que são tratados, desta forma o visitante tem uma imagem visual para melhor identificar os temas. Deve ainda ser disponibilizado um mapa da sala com os expositores identificados.

Apólices do Real Erário – Expositor 1.1 e 1.2

O que são?

As apólices são títulos de empréstimo que a Rainha D. Maria I pediu ao povo, e funcionavam normalmente na compra / venda de produtos.

Destaque:

A apólice de 2$400 Reis de 1797 é muito especial, foi a 1ª a ser emitida e só foram feitas 800 exemplares!

[4] O mapa expositivo pode ser consultado por todos os que desejam realizar uma visita sem orientação por parte do Museu. Com vista a alcançar esse objectivo foi elaborado um mapa que apesar de completo, em relação à exposição, foca mais atenção em determinados exemplares, tentou-se não utilizar uma linguagem demasiado técnica na descrição de alguns dos conteúdos referenciados.

Bancos Emissores do Norte – Expositor 1.3 e 1.4

O que são?

A partir de determinada altura alguns bancos receberam autorização para poder emitir notas, entre eles estavam os bancos que aqui estão representados.

Destaque:

Ao reparar na nota de 50$000 verá que está traçada, isto significa que foi recolhida, no entanto, se reparar na de 10$000 Reis o mesmo não acontece, ou seja, não foi recolhida, daí a sua importância.

Banco de Lisboa – Expositor 3.1

O que é?

Foi o 1º Banco que existiu em Portugal Continental. Passados 4 anos da sua criação em Lisboa foi aberto um no Porto que mais tarde se fundiu com a Companhia Confiança Nacional e foi dar origem ao Banco de Portugal.

Destaque

Notas de 19$200, 48$000 e 96$000 Reis foram as primeiras a serem emitidas e isso foi feito numa máquina chamada tórculo, que também de se pode ver aqui no Museu.

Entidades Não Bancárias – Expositor 3.2

O que são?

Como o próprio nome diz eram entidades, tais como, empresas, que não eram bancos mas que também emitiram notas.

Destaque:

Os exemplares únicos do Contrato do Tabaco e da firma Thomas Jorge das Neves

Banco de Portugal

O que é?

Foi o Banco mais importante que tivemos no nosso País, pois foi aquele que conseguiu a exclusividade na emissão das notas.

Neste núcleo estão as primeiras notas a serem emitidas no nosso País.

Monarquia* – *Expositor 3.3 a 3.8

Destaques:

Expositor 3.4

As notas de 5 000 Reis merecem um olhar mais atento. Podem-se ver as notas ainda manuscritas e um exemplar já impresso.

Expositor 3.6

A nota de 18$000 Reis foi feita com papel das notas do Banco de Lisboa.
A nota de 20$000 Reis é uma das duas notas conhecidas com o carimbo "a pagar na Caixa Filial do Porto"

Expositor 3.7

A nota de 50$000 foi 1ª nota do Banco de Portugal a ser impressa, ainda assim, tentou imitar a nota manuscrita na data e nas assinaturas.

República* – *Expositor 6.1 a 6.12

Expositor 6.1

As primeiras notas impressas em escudos, após a implantação da República. A 1ª foi a nota de 5$00.

Expositor 6.2

Repare nas diferenças da nota de 20$00. São iguais à excepção de uma ter um carimbo com nova data e com "Reino de Portugal". Isto deve-se ao facto de ter havido, no Porto, uma tentativa de reimplantação da Monarquia após a implantação da República. Esta revolta durou apenas um mês e esta nota é dos poucos exemplares que sobreviveram.

Expositor 6.8

A nota de 1000$00 com o retrato de Luís de Camões é a única nota conhecida desta chapa, todas as outras são espécimes.

Expositor 6.9

A nota de 1000$00 com a efígie de Oliveira Martins é o único exemplar conhecido.

Expositor 6.10

A nota de 1.000$00 com o busto do rei D. Dinis ficou muito conhecida devido a um assalto à agência de um Banco da Figueira da Foz, que obrigou a que estas notas fossem retiradas de circulação.

Espécimes – Expositor 6.10 a 6.12

O que são?

Sãos modelos de notas distribuídos pela polícia e bancos para que estes as conheçam antes de saírem em circulação.

Camarões – Expositor 6.6

O que são?

Estas notas fazem parte das falsificações de Alves dos Reis. Apresentam uma cor "avermelhada" por terem sido banhadas em ácido cítrico (de limão), com isto Alves dos Reis esperava retirar-lhes o cheiro e aspecto de notas "novas", desta forma, afastaria a desconfiança causada por usar sempre notas de elevado valor e com aspecto de terem acabado de ser emitidas.

Processos de inutilização das notas retiradas da circulação – Pirâmide 2

Como se destruíam?

Sempre que o Banco retirava de circulação uma das suas emissões fazia a noticia circular nos jornais para que todos soubessem. Depois as notas eram inutilizadas, o que se podia fazer do seguinte modo:

I – Por dobragem em 4 partes e corte com a tesoura

II – Por perfuração:

Simples: 1 furo

Tripla: 3 furos

Estes processos eram anotados num livro, o auto de inutilização, e contavam com a presença do gerente, do guarda-livros e do tesoureiro. No fim as notas eram enviadas para Lisboa e após serem anotadas todas as informações sobre elas eram queimadas.

Cédulas – Expositor 5.1 a 5.19 e 17.1 a 17.20

O que são?

São conhecidas como dinheiro de emergência, ou seja, eram papel-moeda de baixo valor utilizado para facilitar os pagamentos em épocas de crise.

Cheques – Expositor 1.5 a 1.6

Destaque:

Exemplar do Banco de Lisboa pela sua raridade.

Exemplar da Casa Bancária Cupertino de Miranda & Companhia fundada pelos irmãos Artur e Augusto Cupertino de Miranda. Esta casa bancária deu origem ao Banco Português do Atlântico.

Para além destes núcleos há outros que podem despertar a sua curiosidade e que pode ver consoante o seu interesse pessoal.

Letras – Expositor 1.7 e 1.8

Papel Selado – Expositor 4.1 e 4.2

Lotarias – Expositor 4.7

Acções – Expositor 7.19 e 4.3 a 4.6

Notas Falsas – Expositor 11

João de Brito – Expositor 12

Dicionário de uma nota – Expositor 12

Curiosidades – Expositor 18.1

Alves Reis – Expositor 21

Notas das Ex-Colónias

Angola – Expositor 8.1 a 8.8 e 9.1 a 9.4

Preciosidades de Angola – Expositor 25

Cabo Verde – Expositor 9.5 a 9.8 e 12.1 a 12.2

Índia Portuguesa – Expositor 13.1 a 13.4

Macau – Expositor 13.5 a 13.8 e 16.1 a 16.4

Guiné Bissau – Expositor 12.3 e 12.4

São Tomé e Príncipe – Expositor 16.5 a 16.8

Timor – Expositor 20.1 a 20.4

Moçambique – Expositor 22.1 a 22.8

Banco da Beira – Expositor 20.5 e 20.6

Companhia de Moçambique – Expositor 20.7 e 20.8

V. Normas para Conteúdos Informativos

V. 1. Construção de Textos

Os textos devem ser escritos sobre fundos claros, alinhados à esquerda, evitando a utilização de maiúsculas (tornam difícil a sua leitura por pessoas com dificuldades de visão). Devem estar divididos em pequenos parágrafos, simples e concisos, expondo uma ideia por parágrafo. Devem ser escritos na voz activa, sem recorrer ao uso de termos técnicos, quando tal for impossível, fornecer um pequeno glossário. Os títulos devem ser escritos em letras maiores que o corpo do texto. Em termos de idades, os textos introdutórios devem ser escritos ao nível de compreensão de crianças com idades compreendidas entre os 12 e 13 anos e os textos de desenvolvimento, por crianças até aos 15 anos de idade. Recomenda-se o seguinte:

V. 1. 2. Tamanho da Letra

- Material Impresso: 14
- Tabelas e painéis: 16

V. 1. 3. Número de Palavras

- Títulos: 1 a 5 palavras, no máximo 10 palavras
- Subtítulos: 1 a 5 palavras, no máximo 10 palavras
- Textos: 150 palavras, no máximo 200
- Textos introdutórios: 50 palavras, no máximo 100 palavras
- Corpo do texto: até 100 palavras
- Palavras por frase: 10 a 15, no máximo 20 palavras
- Palavras por linha: 8 a 12 palavras
- Palavras por paragrafo: máximo de 50 palavras
- Referências e tabelas: 25 a 50 palavras, no máximo 75 palavras
- Número de caracteres por linha: cerca de 50, no máximo 65 caracteres

V. 2. *Web*

As novas tecnologias de informação são frequentemente consideradas como uma peça fundamental e mesmo, em alguns casos, como a melhor forma de abolição de barreiras de comunicação das pessoas com deficiência, contribuindo de uma forma decisiva para a conquista da igualdade de oportunidades.
A acessibilidade ligada à Internet pode ser definida numa palavra-chave, flexibilidade. Flexibilidade relativa à informação e interacção do suporte em que se apresenta a página.

V. 2. 1. Apresentação da Informação

- Todas as imagens devem ser legendadas e / ou descritas;
- O tamanho do texto deve ser passível de ser aumentado através das opções do navegador;
- O comprimento do texto na página deve estar ajustado ao tamanho da janela;
- Os campos dos formulários devem ser identificados da sua funcionalidade com etiquetas.

V. 2. 2. Navegação

- O teclado deve poder servir de alternativa ao rato na activação de elementos presentes na página;
- Os textos das ligações devem ser esclarecedores mesmo fora do seu contexto. Para isso, as ligações devem ser legendadas com textos alternativos para evitar ambiguidades.

V. 2. 3. Verificar a Acessibilidade

- O contacto com o responsável deve poder ser feito de forma simples;
- As ferramentas e serviços automáticos de análise da acessibilidade devem ser usados;
- De forma a indicar que o site tem funcionalidades de acessibilidade deve ser afixado o símbolo de acessibilidade na Web na página de entrada[5].

[5] A acessibilidade é simbolizada por um globo inclinado, com uma grelha sobreposta, na superfície deste encontra-se recortado um buraco de fechadura.

VI – Implementação de Medidas a Curto, Médio e Longo Prazo

A Fundação Dr. António Cupertino de Miranda possui, com o presente documento, um manual instrutivo de normas e procedimentos a serem implementados de forma a atingir um grau de acessibilidade satisfatório. No entanto, há ainda outros factores a adicionar, apesar de o Museu ainda não ter a informação completa disponibilizada em Braille foi estabelecido um protocolo com a Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal, que se ofereceu para transferir os conteúdos informativos e ajudar na elaboração de um desdobrável que contará com informação em português, inglês e Braille. Irá, igualmente, ajudar o Museu a criar exemplares de documentos considerados de extrema importância, quer pelo seu valor estético e económico, quer pela raridade, em relevo de forma a serem tacteados.

A médio prazo dar-se-á formação a todos os funcionários, em especifico, aos técnicos dos Serviços Educativos e à recepcionista de forma a acolher, encaminhar e apoiar todos os visitantes com necessidades especiais. Foi já possível, através do contacto estabelecido com a Associação de Surdos do Porto, receber alguma formação base em Língua Gestual, nomeadamente a receber os visitantes, dizer-lhes o que podem ver, etc.

Foi elaborado um mapa[6] expositivo numa linguagem simplificada e com conteúdos sintetizados de forma a ser utilizado por todos os visitantes que não tenham visita guiada e/ou que tenham dificuldades de interpretação e compreensão de conteúdos expressos em linguagem técnica ou demasiado formal ou, ainda, que simplesmente prefiram um nível de leitura mais simplificado. É claro que, para todos os que queiram aprofundar conhecimentos na temática, continuarão disponíveis as informações mais detalhadas, divididas por vários acrílicos ao longo da exposição. No entanto, a longo prazo talvez seja possível reescrever esses mesmos conteúdos de forma a conterem vários níveis de informação, ou seja, um primeiro grau simplificado a nível de informação e de linguagem; um segundo mais detalhado para saciar os mais curiosos e um terceiro, escrito a pensar em conhecedores / investigadores / coleccionadores e que recorra ao uso de terminologias específicas. Junto a esse texto estaria também um pequeno texto esclarecedor em inglês e em Braille.

A longo prazo deverá ser encontrada uma forma de tornar acessível o filme a 3D sobre a História do Dinheiro. Não só aos surdos mas também a pessoas com dificuldades auditivas, nomeadamente os idosos. Assim, dever-se-ia legendar e se possível, sobrepor a imagem dum interprete de Língua Gestual.

[6] Ver em anexo.

As escadas apresentam algum perigo pelo que deve ser colocado um indicador de início e de fim, no primeiro e último degrau, respectivamente.

A nível informático, deve ser implementado, com o apoio da ACAPO, um sistema sonoro que permita aos utilizadores cegos aceder ao *site* da Fundação. Deve ainda ser criado um sistema de áudio-guia que os visitantes individuais possam usar ao visitarem a exposição do Museu do Papel Moeda.

De forma a ajudar os cegos que venham sem acompanhante ao Museu foi criado um plano de como chegar e se orientar até entrar na Fundação e respectivas salas de exposição, em que se faz referência aos autocarros que deve apanhar, paragem em que deve sair, número aproximado de passos até à Fundação a partir da paragem, obstáculos que pode encontrar, número de degraus, etc.

Deve ainda ser estimulada e mantida a relação que foi estabelecida com as Associações de apoio aos cidadãos com necessidades especiais, nomeadamente a Associação de Surdos do Porto, a Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal, a Associação Portuguesa de Cidadãos com Deficiência Mental (Centro MADI e Centro Isabel Brito e Cunha). É igualmente importante estreitar relações com escolas, como, por exemplo, a CERCI, que obrigará o Serviço Educativo a desenvolver material didáctico de apoio às visitas. Nesse âmbito, foi desenvolvida uma tabela[7], a ser entregue no acto da marcação da visita, em que o responsável pode qualificar o grau de deficiência dos visitantes, ajudando o Serviço Educativo a desenvolver actividades apropriadas às limitações e capacidades de cada grupo.

[7] Ver em anexo.

Bibliografia

ANDREA, Álvaro de Carvalho, "Alguns Aspectos da Adaptação Social dos Cegos" in *Separata do Boletim do Instituto Nacional de Educação Física*, Ano 17, n.º 3 e 4, Lisboa, 1956

ASSOCIAÇÃO Portuguesa de Deficientes, *Estatutos*, in Diário da República, 3.º Série, n.º 299 de 27-12-1976

AAVV, *Necessidades Especiais – Guia de Apoio a Serviços Educativos*, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, 2004

CENTRO de Documentação e Informação Técnica do Secretariado Nacional de Reabilitação, *Como Ajudar um Deficiente com Cadeira de Rodas*, Lisboa, s/d

DANTAS, Manuel Tomé Gonçalves, *Guia do Deficiente*, Presidência do Conselho de Ministros – Secretariado Nacional de Reabilitação, Lisboa, 1981

FERNANDES, Nelson, *110 Sugestões para a Convivência com Deficientes*, Tipografia Lousanense, Lda., 1989

INSTITUTO Português de Museus, *Museus e Acessibilidades*, Temas de Museologia, Lisboa, 2004

MARTINS, António José, *Supressão de Barreiras Arquitectónicas – Anteprojecto de Diploma*, Serviço de Informação Cientifica e Técnica – Ministério do trabalho, Lisboa, 1981

PINTO, Paula Campos, BOUCEIRO, Paula (coord.), *Dos Direitos às Politicas: Um Livro Verde para a Igualdade de Oportunidades para as Pessoas com Deficiência e suas Famílias", 2002*

SERVIÇO de Educação da Fundação Caloustre Gulbenkian, *Encontros sobre Integração da Criança e do Jovem Deficiente*, 1981